

O TEXTO POÉTICO NA MUDANÇA DE HORIZONTE DE LEITURA: UMA PROPOSTA DE RECEPÇÃO ESTÉTICA COM O POEMA “BERNARDO”, DE MANOEL DE BARROS

Haline Nogueira da Silva Domingues¹

Resumo: Este artigo pretende seguir, à maneira de Hans Robert Jauss, em “O texto poético na mudança de horizonte da leitura”, uma proposta de análise do poema “Bernardo”, de Manoel de Barros (2010), no que tange à constituição dessa mudança no horizonte de leitura do leitor infantojuvenil. Assim, pretende-se investigar quais os processos de leitura, em termos de compreensão e apreensão do fato literário, revelando como são ativados no momento da construção de significação do poema, os possíveis movimentos de mudanças na percepção e no horizonte de leitura deste texto, a partir das três etapas de interpretação de Jauss (1983), sendo estas: os horizontes de expectativas de uma primeira leitura de percepção estética, de uma segunda leitura de interpretação retrospectiva e de uma terceira leitura, a histórica, que reconstrói os horizontes de expectativas.

Palavras-chave: Recepção literária. Manoel de Barros. Leitura. Poesia.

THE POETIC TEXT IN THE CHANGE OF HORIZON OF READING: A PROPOSAL OF AESTHETIC RECEPTION WITH THE POEM “BERNARDO”, BY MANOEL DE BARROS

ABSTRACT: This article intends to follow, in the manner of Hans Robert Jauss, in “The poetic text in the changing horizon of reading”, a proposal for analysis of the poem “Bernardo”, by Manoel de Barros (2010), regarding the constitution of this change on the reading horizon of the juvenile reader. Thus, we intend to investigate which reading processes, in terms of understanding and apprehension of the literary fact, revealing how they are activated at the moment of the meaning construction of the poem, the possible movements of changes in the perception and the reading horizon of this text, from the three stages of interpretation of Jauss (1983), which are: the horizons of expectations of a first reading of aesthetic perception, a second reading of retrospective interpretation and a third reading, historical, which reconstructs the horizons of expectations.

Keywords: Literary reception. Manoel de Barros. Reading. Poetry.

¹ Doutoranda em Estudos Literários – Universidade Estadual de Maringá - UEM – sob orientação da professora Alice Áurea Penteado Martha. halinens@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo delinea um modelo significativo de análise do texto poético e suas implicações na mudança do horizonte de leitura do leitor, proposto por Jauss, mais especificamente, em seu trabalho intitulado “O texto poético na mudança de horizonte da leitura”, publicado na obra *Teoria da Leitura em suas fontes*, de 1983. Nesta obra, Jauss separa metodicamente em três etapas o processo de interpretação: os horizontes de uma primeira leitura de percepção estética; os horizontes de uma segunda leitura de interpretação retrospectiva; e uma terceira leitura, a histórica, que reconstrói os horizontes de expectativas ou também compreendidos como uma unidade dos três momentos da compreensão (1ª leitura), a interpretação (2ª leitura) e a aplicação (3ª leitura).

Durante a análise do texto, fundem-se, imediatamente, a compreensão, a interpretação e a aplicação, ou a síntese (catarse), as quais ocorreriam a partir da terceira leitura, momento em que o leitor, provavelmente, já adquiriu consciência e fluência no objeto textual, ao qual construirá um significado, um entendimento, e, portanto, forma um juízo de valor sobre dada obra. Sendo assim, abordaremos uma possibilidade de aplicação desses três momentos do processo hermenêutico, que não deve ser pensado fragmentadamente, mas na confluência dos três elementos já citados, no poema “Bernardo”, de Manoel de Barros.

Em um primeiro momento, trataremos do horizonte progressivo da percepção estética, isto é, a reconstrução ou a compreensão da primeira leitura. Em segundo momento, abordaremos o horizonte retrospectivo de compreensão interpretativa, ou seja, o desenvolvimento de uma interpretação durante a segunda leitura, já trazendo algumas considerações relevantes que podem ser ativadas ou não pelo leitor, a depender do seu grau

de instrução e experiência de mundo e de leitura. E por fim, delinearemos as considerações acerca do poema nas mudanças de horizonte da história de sua recepção, ou a aplicação e a avaliação estética da obra.

O HORIZONTE DA PERCEPÇÃO ESTÉTICA NA PRIMEIRA LEITURA (COMPREENSÃO)

O fato literário é descrito a partir da história das sucessivas leituras pelas quais passam as obras e que se realizam de modo diferenciado ao longo do tempo, pois a obra literária, segundo Eagleton, não é um objeto que exista por si só, oferecendo a cada leitor em cada época um mesmo aspecto. Não se trata de um monumento a revelar monologicamente seu ser atemporal. “Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura” (EAGLETON, 2006, p. 11), libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual. Assim, na obra literária, conforme Jauss (1994, p. 23), “a implicação estética reside no fato de já a recepção primária de uma obra pelo leitor encerrar uma avaliação de seu valor estético, pela comparação com outras obras já lidas”. Em outras palavras, o texto literário permanece em evidência e em atemporalidade enquanto faz emergir significados sociais e históricos. Enquanto a obra puder interagir com o receptor, sendo o parâmetro de aceitação desse horizonte de expectativas composto pelo sistema de referências que resulta do conhecimento prévio que o leitor possui do gênero, da forma, da temática das obras já conhecidas e lidas. A leitura do texto e o efeito pretendido ocorrerá no processo da compreensão, exigindo que, por sua vez, o leitor ative seu conhecimento de mundo acumulado.

Vejamos o poema escolhido para este estudo e as etapas de compreensão que o leitor pode

percorrer, a fim de penetrar em seu sentido e construir significações ao longo dos três momentos do processo de leitura.

Bernardo
Bernardo já estava uma árvore quando
eu o conheci.
Passarinhos já construíam casas na palha
do seu chapéu.
Brisas carregavam borboletas para o seu
Paletó.
E os cachorros usavam fazer de poste as suas
pernas.
Quando estávamos todos acostumados com
aquele bernardo-árvore
Ele bateu asas e avoou.
Virou passarinho.
Foi para o meio do cerrado ser um arãquã
Para compor o amanhecer.
(BARROS, 2010, p. 476).

O poema se anuncia com um título constituído por um nome próprio. Bernardo pode ser o nome de uma pessoa, de um cachorro, como os da raça São Bernardo, uma planta, uma casa etc. Num processo de recepção, somente com a leitura do título, ainda não é possível identificarmos de quem se trata o nome que aparece no poema. Com isso, o horizonte de expectativas fica bastante indefinido e instaura-se o suspense do significado de uma palavra que só pode ser esclarecida ou decifrada mediante a leitura do poema todo.

Na segunda leitura, veremos que uma real compreensão da figura do Bernardo é possível a partir do estudo da biografia de Manoel de Barros, onde nos é dada a informação de quem foi este personagem e sua relativa importância na vida e obra do poeta. Obviamente, essa é uma informação que buscamos na pesquisa supracitada a respeito do autor. Mas, chegar a um consenso sobre o que é Bernardo (homem, animal, coisa) é uma atividade da livre fruição e interpretação do leitor. Para os leitores comuns e iniciantes, como as crianças, por

exemplo, o título com o nome Bernardo pode ser atribuído a algum personagem de desenhos, filmes, jogos ou mesmo ao nome de um cachorro. Mas quando continuamos com a leitura, logo nos dois primeiros versos temos: “Bernardo já estava uma árvore quando/ eu o conheci”. A construção “já estava uma árvore” gera um momento de conflito ou dubiedade para a compreensão da origem de Bernardo no texto que, nesta primeira leitura, ainda soará como rasa e descodificável para o leitor. Mesmo nesta etapa de primeira leitura, alguns leitores poderão relacionar ou questionar se Bernardo é, de fato, um ser humano, animal ou personagem de ficção ou ainda, uma árvore. Esta ideia de Bernardo ser uma árvore já nos é dada com os próximos versos: “Passarinhos já construíam casas na palha/do seu chapéu”, conduzindo o leitor a perceber as relações metafóricas, próprias dos textos poéticos, entre Bernardo e uma árvore. A construção poética, até aqui, delinea hipóteses que dão pistas ao leitor sobre o ambiente, espaço, lugar sugeridos pela poesia: “Brisas carregavam borboletas para o seu/paletó”. Ainda demarcando um espaço natural, inferido pelas palavras brisas e borboletas. Outro elemento provoca movimentos de avanços e retrocessos na tentativa de compreensão da figura Bernardo no texto, que agora aparece um usando paletó. Paletós são, geralmente, utilizados por seres humanos. Esta peça do vestuário masculino evidencia um caráter de importância atribuída a Bernardo.

Tais antecipações podem levar o leitor a conceber o personagem como gente de fato, metaforizada por elementos da natureza. Nos versos “E os cachorros usavam fazer de poste as suas/pernas”, principalmente a partir da palavra “pernas”, o leitor pode inferir que Bernardo é um homem. Porém, ainda pensamos que estes tipos de inferências só serão possíveis para os leitores mais experientes em momentos de

leituras convencionais ou não, em que sua leitura de mundo precede a leitura da palavra, segundo os pressupostos teóricos de Paulo Freire (1990). Evidentemente, esta poesia possibilita uma série de interpretações e as metáforas entre Bernardo e a árvore acentuam o caráter lírico do texto viabilizando a produção de sentido.

Nos versos “Quando estávamos todos acostumados com aquele bernardo-árvore/ ele bateu asas e avoou”, temos a escrita do nome Bernardo com letra minúscula. Este detalhe, se percebido nesta etapa de leitura, denuncia uma relação de entendimento de regras gramaticais, em que nomes próprios (pessoas, países, cidades) são iniciados com letra maiúscula e também sugere a aproximação de Bernardo com a árvore, ser natural, em uma relação de equiparação. Então aqui, o Bernardo poderia não ser homem, como inferimos a partir do verso “os cachorros usavam fazer de poste as suas pernas”. Ainda no verso “ele bateu asas e avoou”, apesar de podermos correlacionar o nome Bernardo a um homem, também voltamos a considerar a possibilidade de ele não ser uma pessoa, pois bater asas é ação das aves. Contudo, em se tratando de linguagem poética, sabemos que tais brincadeiras e arranjos a partir da língua são possíveis. “Bernardo” pode ser uma pessoa ou pode ser uma “árvore”, “passarinho” etc, assim como o quiser o leitor, como os seguintes versos enunciam: “Virou passarinho. /Foi para o meio do cerrado ser um araquã/pra compor o amanhecer”. A metáfora virar passarinho é muito sugestiva e oferece possibilidades distintas de interpretação ao leitor. Possivelmente, esta percepção sobre o que, de fato, consiste a ação de virar passarinho, possivelmente, pode ocorrer na segunda ou na terceira leitura em se tratando de leitores infantojuvenil. Por isso, discutiremos essa questão mais adiante.

A palavra “araquã” também requer entendimento, o que exige uma pesquisa a um

dicionário. A araquã é uma ave típica do Pantanal, que mede cerca de 60 centímetros e tem um canto inconfundível. Outra vez, fatos relacionados ao universo biográfico do poeta Manoel de Barros, podem se fundir para o entendimento do contexto em que o termo aparece, uma vez que o autor utiliza como pano de fundo em seus poemas um cenário que sugestiona e evoca um Pantanal reinventado pela criação poética, tal como nos versos “Meus livros não são sobre o Pantanal, mas sim uma enunciação constatativa, manchas, nódoas de imagens, festejos de linguagem. O organismo do poeta adoce a natureza” (BARROS *in* MÜLLER, 2010, p. 197).

Percebemos até o momento, que o poema percorre uma curva temática de aproximação lírica entre um ser racional e um ser vegetal. Também há um crescimento simétrico no encadeamento das ações, das quais Bernardo é sujeito. Em uma primeira leitura, o leitor poderá encerrar a mesma sem compreender alguns detalhes, como a origem de Bernardo. O que é e quem é o Bernardo? Mas, algumas considerações ficarão mais claras nas próximas etapas, como na segunda leitura: o momento da interpretação.

O HORIZONTE DA INTERPRETAÇÃO RETROSPECTIVA NA SEGUNDA LEITURA (INTERPRETAÇÃO)

Como vimos, na primeira etapa tentamos delimitar quais seriam as inferências de compreensão do poema que o leitor poderia ou seria capaz de realizar, em um momento de leitura inicial. É válido ressaltar que, em certa medida, o texto poético exige um grau maior de atenção e percepção do leitor devido à própria condensação da linguagem. Apesar de uma estrutura sintática coerente e simples, o jogo com os sentidos e imagens literárias acentua o caráter autêntico do poema. Em diversos momentos, o texto sugere o que ou quem

poderia ser o Bernardo, e logo em seguida, indica o contrário, fazendo com que o leitor entre no jogo simbólico, próprio da linguagem poética. Além do uso de metáforas, o poema amplia e modifica o horizonte de expectativas do leitor, provocando diferentes indagações e desconstrução dos sentidos.

Contudo, no ato da segunda leitura, o leitor é levado a reconhecer a forma textual, o vocabulário, a construção sintática, dentre outros elementos que o situe dentro do referido gênero e não necessariamente, de todo o significado. A realização de uma leitura em que o significado completo do texto seja possível exigirá do leitor um retrocesso na leitura, isto é, voltar do fim ao início. Assim, para esclarecer os detalhes ainda obscuros a partir do todo e da forma já apreendida na primeira leitura é necessário que o leitor se encaminhe para a segunda leitura, na qual realizará a interpretação do texto. Nesta etapa,

[...] o receptor procura aspectos do sentido que ainda ficaram em aberto na sua coerência do conjunto significativo. As conjecturas e questões não esclarecidas durante a primeira leitura podem ser reduzidas a um denominador comum formal e temático (JAUSS, 1994, p. 895).

Em outras palavras, à medida que avançamos no processo da leitura, amadurecemos a cada nova leitura. Assim, é possível inferir que nunca lemos um mesmo texto da mesma forma.

Considerando o formato em prosa poética do poema “Bernardo” percebemos que os versos curtos, os quais não prezam pela assimetria estrutural, conferem a dimensão de um fato narrativo seguindo sem interrupções um enredo semanticamente apreensível, mas que sustenta uma dose de paradoxos e pequenas minúcias, as quais conduzem o leitor aos mais diversos significados, como já vimos no item anterior. Nesta segunda etapa da leitura é a forma textual que impera e

chama a atenção do leitor para a interpretação. A disposição dos versos em prosa poética já acentua esse caráter, seguida de versos ora longos ora curtos. Composto por quatorze versos, o poema desliza pela página e pode ser lido de um fôlego só. Apesar da pequena extensão, o texto denota uma riqueza de temas, os quais renderiam bastantes discussões e reflexões. De fato, não há rimas marcadas, nem uma diagramação quanto a sua quantidade, mas a poesia reverbera em cada linha. Há um eu lírico manifestando suas impressões, emoções e curiosidades sobre “Bernardo”. Também é evidente um rico e cuidadoso processo de elaboração verbal em uma sequência de ações, de espaço sugerido e de sensações emanadas desta poesia.

Logo no início do poema, o eu lírico chama pelo nome, o qual intitula o poema: “Bernardo”. “Bernardo, já estava uma árvore quando/ eu o conheci. / Passarinhos já construíam casas na palha/ do seu chapéu. Brisas carregavam borboletas para o seu/ Paletó. / E os cachorros usavam fazer de poste as suas/ pernas”. Todos esses versos situam Bernardo na esfera do fantástico. Nas construções que comunicam sobre estar uma árvore, deixar com que passarinhos construam casas na palha do seu chapéu, as brisas carregam borboletas para o seu paletó e permitir que os cachorros façam necessidades fisiológicas em suas pernas, são atributos direcionados a um ser quase mitológico. “A natureza abrangia ele. Bernardo está pronto a poema. Passa um rio gorjeado por perto. / Com as mãos aplina as águas. / Deus abrange ele”, dizia Manoel de Barros (2010, p. 212).

Outro universo temático que se origina deste poema está relacionado aos quatro elementos cósmicos, estudados por Bachelard (1989a, 1989b, 1990a, 1990b, 2001) em quatro volumes que versam sobre a água, o fogo, a terra e o ar. Em diversos poemas de Manoel de Barros é possível visualizar

uma simbolização do Pantanal e das pessoas amigas do poeta, como o personagem Bernardo, cujo poema o sublima e cosmoifica o homem.

Segundo Campos, “Bernardo, na obra de Manoel de Barros, é o símbolo das terras e das águas pantaneiras, é o símbolo cuiabano, é símbolo daquilo que é singular. Bernardo é o *auterego* de Barros, é aquilo que o poeta gostaria de ser” (CAMPOS, 2007, p. 258). No poema citado, como já dissemos, “Bernardo” é comparado com as árvores, é morada de passarinhos, recanto para as borboletas, intimidade para os cachorros, enfim, “Bernardo” é aquilo que o poeta considera a mais pura poesia: ele é o silêncio das palavras percebidas pela sensibilidade.

Em um trecho da entrevista concedida para o documentário *Só dez por cento é mentira* (2008), o poeta explana que “Bernardo” extrapola a observação, por isso é descrito e humanizado a partir do cisco.

Bernardo é um ser de águas. É um ser que não conhece ter. Um ser que, por fastio, nem fala. Gosta mais de alisar passarinhos do que de trabalhar. É inexplicável como ele pega até silêncio. É inexplicável como ele acaricia os ventos e as chuvas (BARROS *in* CESAR, 2008, 25 min.).

Como mencionado anteriormente, a significação original sobre a figura “Bernardo”, pensada pelo autor exigiria uma pesquisa na biografia do poeta. Porém, o acesso à informação de que “Bernardo” foi um amigo muito especial para Manoel de Barros, não descarta as demais interpretações do leitor que não tiver contato com esse material de pesquisa. A riqueza da leitura e da recepção literária está justamente na ausência de certeza, pois não há sentidos únicos e unilaterais, principalmente, em obras literárias, uma vez que leitor e texto, concorrem para a produção de sentidos plurais.

Para as Teorias da Recepção, o texto permite várias possibilidades de interpretação, porém determinadas pelo próprio texto, pelas capacidades e possibilidades interpretativas de cada leitor. Essa centralidade no leitor, segundo Jauss (1994) implica que não há um sentido fixo para um determinado texto.

Nos versos: “Quando estávamos todos acostumados com aquele bernardo-árvore. / Ele bateu asas e avoou. / Virou passarinho. / Foi para o meio do cerrado ser um arãquã / para compor o amanhecer”, na primeira leitura, para muitos leitores, Bernardo, de fato, é um passarinho, pois bateu asas e avoou e virou um passarinho, indo para o meio do cerrado, ser um arãquã. Se a informação sobre a ave arãquã não tiver sido buscada, nesta etapa do processo de leitura, se faz necessário, ao menos para situar o leitor sobre o papel da arãquã no poema. Em relação ao verso “Virou passarinho”, o leitor poderá inferir que Bernardo virou o arãquã, por isso da relevância em se saber o que significa o termo; ou, em um nível mais poético de compreensão, o receptor poderá dizer que Bernardo morreu, ao virar passarinho, para compor o amanhecer (estar na e entre a natureza).

De maneira sucinta, o poema se torna uma rica ferramenta de análise interpretativa, principalmente pelos temas que evoca e pela estrutura concisa. Também há um trabalho poético que possibilita a catarse sobre temas delicados, como a morte. A comparação de Bernardo com a árvore remete à essa ideia de longevidade e sabedoria que a idade traz. Com o voo dos pássaros, a metáfora da morte, há o encerramento desse ciclo, como acontece aos elementos cósmicos; da terra (árvore) ao ar (voo, morte).

Dessa forma, podemos perceber que “Bernardo” é um poema elaborado de maneira a fugir do sentido enciclopédico. O tema da vida e da

morte estão representados nas imagens da árvore e do voo do passarinho quando vai para o meio do cerrado, suscitando reflexões, realocando as percepções do leitor e modificando seu horizonte de expectativas.

RECONSTRUÇÃO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVA NA TERCEIRA LEITURA (APLICAÇÃO HISTÓRICA)

Após a apresentação de uma primeira leitura estética empreendida como uma das possibilidades de compreensão da obra, as demais etapas de leitura, a interpretativa retrospectiva e a interpretativa provocam alguns questionamentos como, por exemplo: quais expectativas dos leitores foram atendidas ou negadas a partir da leitura deste poema? Há uma situação narrada no poema? Como o próprio poeta pode ter entendido seu poema? Quais sentidos foram atribuídos ao poema na primeira leitura? Quais significados puderam ser evidenciados nas etapas posteriores? Por meio dessas perguntas, conseguimos identificar a tomada de consciência em relação à distância no tempo, ignorada na primeira e na segunda leitura e, por meio do confronto expresso entre o horizonte de compreensão passado e o atual, deixando claro como o significado do poema se desdobrou historicamente pela interação de efeito e recepção, até às perguntas que orientam a nossa interpretação para as quais o texto, a seu tempo, ainda não foi necessariamente a resposta.

O poema “Bernardo” carece de outras análises que contribuam para acrescentar novas perspectivas de leitura e interpretação do poema, sobretudo, no âmbito da recepção de leitura. A imagem poética construída acerca dessa criatura perpassa diversos textos de Barros. Bernardo da Mata, era o que o poeta queria ser – por isso – dedica diversos poemas à sua idoneidade de abranger a natureza.

Manoel de Barros, escritor que permaneceu no anonimato até a década de 1980, não por consequência do cerceamento do cenário literário, mas por desejo próprio, foi colocado em evidência por Millôr Fernandes, quando começou a publicar em suas colunas nas revistas *Veja* e *Isto é*, e no *Jornal do Brasil*, a sua poesia:

Outros fizeram o mesmo: Fausto Wolff, Antonio Houaiss, entre eles. Os intelectuais iniciaram, através de tanta recomendação, o conhecimento dos poemas que a Editora Civilização Brasileira publicou, em quase a sua totalidade, sob o título de Gramática Expositiva do chão. Hoje o poeta é reconhecido nacional e internacionalmente como um dos mais originais do século e mais importantes do Brasil. Guimarães Rosa, que fez a maior revolução na prosa brasileira, comparou os textos de Manoel a um ‘doce e coco’. Foi também comparado a São Francisco de Assis pelo filólogo Antonio Houaiss, ‘na humildade diante das coisas’ (BARROS, in CAMPOS, 2007, p. 204).

Manoel de Barros nasceu na cidade de Cuiabá, Mato Grosso, no dia 19 de dezembro de 1917 e faleceu em 2014. Sua obra está cronologicamente vinculada à geração de 1945 do Modernismo brasileiro, pois estreou em 1937 com o livro *Poemas Concebidos sem Pecado*. Assim, se pesquisarmos, encontraremos uma série de pesquisas sobre fatos, ocorrências, biografia e demais informações de vida de Manoel de Barros espalhadas em diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de livros com entrevistas publicadas sobre o poeta. Entretanto, há um material bastante rico e que reúne uma série de entrevistas e relatos do poeta intitulado *Encontros Manoel de Barros*, publicado no ano de 2010, sob a organização de Adalberto Müller.

O tema da poesia de Barros, em geral, é a própria linguagem. Para Antonio Candido (2006, p. 35), “a poesia é a forma suprema de atividade criadora da palavra, permitindo acesso a um mundo excepcional de eficácia expressiva”. A poesia é uma arte ligada à palavra. O poeta tem um mundo particular que é construído imageticamente por

meio das palavras. Com sua autonomia discursiva, ele tem o poder de construir e remodelar o mundo, como enuncia o escritor em um de seus poemas, publicado no *Livro de Pré-Coisas*, “Minhocas arejam a terra; poetas, a linguagem” (BARROS, 2010, p. 219).

Manoel de Barros não demonstrava interesse pela fama, nem pela amplitude que alcançaria sua obra, apesar de ter tido o prazer de ver seus poemas lidos, ter recebido cartas de leitores e elogios vários. Mas, em toda entrevista que o poeta concedia e quando lhe perguntavam sobre a temática da sua obra, o que lhe inspirava, o poeta defendia que em seus textos,

a função da poesia jamais será a de descrever coisas, lugares e sujeitos, mas sim sugerilos, por meio da criação estética, do uso sensível das palavras, no intuito que causem novidade, inspirem paz e contentamento. Eu escrevi: poesia não é pra compreender. É para incorporar. Entender é parede. Com isso quis dizer que a poesia se absorve através de percepções da sensibilidade. Que a razão não está com nada em poesia (BARROS in MÜLLER, 2010, p. 16).

O que vemos a partir deste fragmento, é que a obsessão pela palavra poética, revela o desejo mais profundo de penetrar na fronteira onde a linguagem surge pura e primal para atingir o estado de comunhão com as coisas, onde se dá a transfusão de naturezas. Essa é a temática original que traz novidade à escrita em sua poesia e que é tão discutida. Neste sentido, a recepção do poema “Bernardo” ou de outros poemas de Barros está relacionada à maneira como sua obra, em sentido amplo e global, é recebida e lida. Como mencionamos anteriormente, alguns escritores e jornalistas dos anos 1970 e 1980 já pronunciavam-se sobre ele, até mesmo Carlos Drummond de Andrade, que o chamou de “maior poeta brasileiro vivo”. O fato é que um gênio se reconhece em outro, e certamente Drummond sabia da grandeza dos versos do colega, que ficou conhecido pela

racionalidade inscrita em um elaborado universo onírico.

Contudo, a Estética da Recepção, para este estudo, é bastante pertinente pois esta examina a obra à luz do horizonte de questões estéticas, sociais, religiosas, naturais, morais, econômicas, etc. para as quais ela é a resposta, ao mesmo tempo que propõe perguntas. Dessa forma, para Aguiar,

a leitura é, por essas vias, um encontro de horizonte de expectativas, o da obra e o do leitor, que se dá sempre de modo novo a cada leitura. No ato de ler ocorre o movimento ativo do leitor sobre o texto, que preenche os vazios, construindo totalidade de sentidos a partir de sua experiência enquanto leitor e das suas determinações sobre a obra (AGUIAR, 2011, p. 235).

Em vista do exposto no excerto, ler é ampliar os horizontes e a literatura será tanto melhor quanto mais provocar o seu leitor. Podemos dizer que ela é eficiente quando se faz através de práticas desafiadoras e tem por foco textos que negam, em instâncias cada vez maiores, o horizonte de expectativas do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Manoel de Barros é um convite para uma aventura pela linguagem. As imagens sugeridas pelas metáforas e pelos versos revelam a estetização de sua poética cuidadosamente ajeitada de modo a promover o fascínio pelo artefato literário. O poema “Bernardo”, embora tenhamos ensaiado uma possível recepção que um leitor infantojuvenil ou não possa vir a ter a partir deste texto, ressoa significados vários. Cabe ao leitor, aquele que se entrega ao movimento da poesia, a qual pode ser metaforizada e referenciada pelos elementos essenciais (o ar, a terra, ao fogo, e a água) e que também é vida, encontrar-se com todos os aspectos formais e cadenciais que compõe essa poesia, sem taxá-la ou tentar descrevê-la ou mesmo

interpretá-la. Serão nas inúmeras práticas de leitura que os sentidos se reconfigurarão. A primeira, a segunda ou terceira leitura, como demonstramos aqui, a partir do modelo esquemático estudado por Jauss, nos comprova que o texto literário só existe na presença do leitor.

Todas as perguntas suscitadas pelas obras literárias são respondidas à medida que uma análise sobre a mesma é realizada. Ater-se sobre o objeto artístico é revirá-lo e descobri-lo de maneiras novas. Por isso, a Estética da Recepção atenta-se para a leitura enquanto atividade que dá existência e legítima a literatura. Entram em jogo, as relações entre o texto e seu leitor, através da dinâmica de pergunta e resposta de lado a lado. Tal processo só é percebido à luz da noção de horizontes de expectativas como os conjuntos de códigos éticos, estéticos, religiosos, sociais, morais e filosóficos que regem as épocas de produção e recepção das obras e são introjetados, de modo particular, pelo autor e pelo leitor.

Segundo a professora Vera Teixeira de Aguiar, em seu artigo “Leitura Literária e escola”, “como o diálogo do leitor é com a obra em si (e não com seu produtor), o cruzamento de horizontes que se produz está no âmbito do leitor e do texto, cada um colocando questões e as respostas possíveis, segundo seu momento histórico” (AGUIAR, 2011, p. 248). Como a obra literária é simbólica, ela permite leituras plurais, dando-se à interpretação de um novo modo, pelas possibilidades e combinações dos signos. Por essas vias, o leitor pode ter suas expectativas atendidas ou contrariadas, em maior ou menor grau. Mas o certo é que ele não continuará igual depois da leitura, uma vez que seu horizonte estará modificado pela interação com o texto. Daí decorre, por conseguinte, que uma segunda ou terceira leitura do mesmo material será diferente.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. *Leitura Literária na Escola*. In: *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. Lisboa: Litoral, 1989.

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BACHELARD, Gaston. *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.

CAMPOS, Maria Cristina Aguiar. *Manoel de Barros: o demiurgo das terras encharcadas – Educação pela vivência do chão*. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Educação) – USP.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 12 ed. São Paulo: Queroz, 2006.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução: Waltensir Dutra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Autores Associados, 1990.

JAUSS, Hans Robert. O texto poético na mudança de horizonte da leitura. In: *Teoria da literatura em suas fontes*. Vol II. 2. ed. Tradução: Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

MÜLLER, Adalberto (Org.). Apresentação Egberto Gismonti. *Encontros Manoel de Barros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

Só dez por cento é mentira. Direção de Pedro Cezar. São Paulo: Artesanato Eletrônico. Co-produção: Vite Produções. Brasil, 2008. [DVD]. (82 minutos), colorido.

Submissão: 19 de julho de 2019.

Aceite: 09 de dezembro de 2019.